

GUALTER, Katya Souza. **O Corpo poético-dançante e a Pombagira - prolongamentos e conexões**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Professora adjunta; Coordenadora do Grupo PEC DAN (PESquisa em Cinema e DANça) - Projeto de Pesquisa "Poéticas no Cotidiano sob Olhares de Exu e Pombagira: experimentações Corpo-câmera"; Diretora da Escola de Educação Física e Desportos.

RESUMO: O presente trabalho pretende investigar o corpo poético-dançante estabelecendo aproximações com a Pombagira. A Pombagira é uma potência feminina cultuada na religião da Umbanda/Brasil. Ela e o seu correspondente masculino Exu são os mediadores entre o mundo visível dos homens e o mundo da invisibilidade e da natureza. A Pombagira traz consigo a força da ebulição, subvertendo a realidade posta e criando espaços de deslocamentos para provocar a mobilidade de pontos de vista. Neste estudo, a partir das minhas experiências com a Pombagira Maria Mulambo, são estabelecidas novas realidades, tomando o *CorpoKatya* como sendo um corpo-lugar em movimento ininterrupto, pleno de rastros e histórias ouvidas e vividas, repletas de cantos e encantos. Nessas sensíveis e tão complexas experiências, o *CorpoKatya* é convocado a realizar travessias que suscitam trânsitos mútuos, os quais abrem porosidades para conexões do *CorpoKatya* com todos os seus prolongamentos possíveis. *CorpoKatyaGiovanna* (minha filha), *CorpoKatyaGiovannaLara* (minha neta), *CorpoKatyaMariaMulambo* seguem, assim, potencializando-se entre tantos outros prolongamentos, sem deixar de ser *CorpoKatya*, porém sob novas e fortalecidas possibilidades de ser Katya. O *CorpoKatya* e a Pombagira são poéticos e dançantes na medida em que um confere ao outro, novas dimensões e seguem prolongando-se entre si e para além deles mesmos, inaugurando perspectivas e compondo poéticas, como sendo um *continuum*, de modo que não sabemos onde começa um e termina o outro. Estamos falando da relação *CorpoKatyaPombagira* enquanto potência poético-dançante gerando potências ulteriores no decurso dos acontecimentos. O Corpo poético-dançante e a Pombagira coabitam o lugar da experiência em curso, de tal modo que, ontem/antes, hoje/agora e amanhã/depois deslocam-se e ganham projeções de Mundos, de variados universos simbólicos. Ontem, hoje e amanhã sobrevivem, resistem e transcendem ao somatório de instantes racionalizados no ciclo da cronologia hegemônica no Mundo dos seres humanos.

Palavras-chave: Corpo, Pombagira, Poéticas-dançantes, Prolongamentos

The poetic-dancing Body and the Pombagira - extensions and onnections

ABSTRACT: The present work intends to investigate the poetic-dancing body establishing approximations with Pombagira. The Pombagira is a female power worshiped in the religion of Umbanda / Brazil. She and her male counterpart Exu are the mediators between the visible world of men and the world of invisibility and nature. The Pombagira brings with it the force of the boiling, subverting the reality posta and creating spaces of displacements to provoke the mobility of points of view. In this study, from my experiences with Pombagira Maria Mulambo, new

realities are established, taking the *CorpoKatya* as a body-place in uninterrupted movement, full of traces and stories heard and lived, full of songs and charms. In these sensitive and complex experiments, *CorpoKatya* is called to make crossings that give rise to mutual transits, which open up porosities for the connections of *CorpoKatya* with all its possible extensions. *CorpoKatyaGiovanna* (my daughter), *CorpoKatyaGiovannaLara* (my granddaughter), *CorpoKatyaMariaMulambo* are thus potentiating themselves among many other extensions, without ceasing to be *CorpoKatya*, but under new and strengthened possibilities of being Katya. The *CorpoKatya* and the Pombagira are poetic and dancing insofar as one confers on the other, new dimensions and continues to extend between themselves and beyond themselves, inaugurating perspectives and composing poetics, as being a continuum, so that we do not know where start one and finish the other. We are talking about the relation *CorpoKatyaPombagira* as poetic-dancing power generating ulterior powers in the course of events. The poetic-dancing Body and the Pombagira cohabit the place of the experiment in progress, so that, yesterday / before, today / now and tomorrow / later they move and gain projections of Worlds, of varied symbolic universes. Yesterday, today and tomorrow survive, resist and transcend the sum of rationalized instants in the cycle of hegemonic chronology in the World of human beings.

Key words: Body, Pombagira, Poetic-dance, Extensions

Cada um de nós trilhando os seus próprios caminhos nas estradas do Mundo onde vivemos vem ao encontro do *CorpoKatya* e de todas as pessoas que com ele vem interagindo ao longo da sua história de vida, a qual muito se confunde com o caminho da pesquisa pelo qual enveredamos.

Compartilhamos aqui alguns trechos dessa história-pesquisa com cada leitor, convidando-o a mover-se, isto é, convidando-o a percorrer junto conosco, os limiares entre os universos oníricos da invisibilidade e da natureza e o Mundo dos seres humanos, das opiniões, da materialidade e da materialização. Agora, nesse momento, caminhos e estradas se entrecruzam construindo uma linda encruzilhada, como sendo o lugar dos grandes encontros da liberdade com o destino.

Estátua de D^a. Maria Mulambo



Foto: Bruno Morais

Passeando pelas ruas, encruzilhadas e portais, a Pombagira também passa por aqui para dizer que estrada é movimento gerado singularmente por cada um ao deslocar-se e promover deslocamentos. Deslocar-se da sua zona de conforto, conceder e pedir licenças para transitar por espaços outros é igualmente deixar-se transitar pelo outro, deixar o outro transitar pelos seus próprios espaços. Estrada é movimento gerado por concessões mútuas.

Então, boa noite!

Boa noite! Boa tarde! Bom dia!

Não necessariamente nessa ordem, porque estamos falando de deslocamentos de tempos e espaços nos quais a partilha acontece com todos os seus possíveis e é acrescida por cada leitor, por todos/as aqueles/as que identificamos nesse texto e ainda por aqueles/as que, embora nem legíveis e nem visíveis, marcam as suas presenças de maneira viva e real.

Experenciar tão potente partilha nos reposiciona continuamente em um trânsito enigmático, na medida em que mobiliza energias no âmbito do desconhecido que deslocam as coisas e as pessoas dos seus cômodos e já conhecidos lugares.

É certo que as partilhas como essa fogem ao controle do humano e, sendo assim, geram medos, pois provocam o surgimento de potências inesperadas, ocultas e poderosas que libertam forças escondidas, as quais se expandem em vibrações sem direção pré-determinada e formam linhas de fuga (forças móveis), para que novos territórios se abram e por eles circule uma infinidade de corpos diferentes.

Contudo, não será esse o nosso propósito enquanto criadores/as pesquisadores/as em Artes?

A magnífica constatação é que partilhas como essa podem deflagrar encontros os quais potencializam em cada um de nós a coragem para nos deslocar das zonas de conforto e abrir-nos às concessões mútuas nas relações com os outros nos Mundos pelos quais transitamos, conduzindo-nos pelos caminhos das transmutações rumo ao autoconhecimento.

Estamos aqui, mobilizados, mobilizando... Vida longa às partilhas! Vida longa aos encontros que provocam deslocamentos de tempos e espaços!

Então, boa noite!

Boa noite! Boa tarde! Bom dia!

Potências noturnas e diurnas coabitam noites, tardes e manhãs e por elas transitam de modo não ordenado de princípio, meio e fim. Manhãs, tardes e noites coexistem sem obedecer a uma lógica linear, pois é o cruzamento, a travessia, e a transição entre esses tempos e espaços que invocam o medo do desconhecido que precisamos enfrentar, conhecer e com o qual precisamos aprender a conviver.

Manhãs, tardes e noites se deslocam continuamente. Ontem/antes, hoje/agora e amanhã/depois sobrevivem, resistem e transcendem ao somatório de instantes racionalizado no ciclo da cronologia hegemônica no Mundo dos seres humanos, ultrapassando o prolongamento motor e ganhando uma projeção de Mundos, variados universos simbólicos.

Nesta tão profunda e complexa seara do sensível, o *CorpoKatya* é convocado a realizar travessias provocadas pelos múltiplos encontros com Corpos outros, prolongando-se ininterruptamente. Esses prolongamentos movidos pelo/no encontro invocam uma ética, para possibilitar os trânsitos mútuos que abrem porosidades para conexões do *CorpoKatya* com todos os seus prolongamentos possíveis, tais como com familiares, amigos/as, alunos/as e assim por diante, entre tantos outros, vendo o *CorpoKatya* em cada outro sob uma nova e fortalecida possibilidade de ser Katya. Em outras palavras, *CorpoKatya* se fortalece e se reinventa a cada inter-relação de tal modo que, sem deixar de ser Katya, jamais permanece a mesma.

Mulher negra, filha e neta de boêmios e seresteiros cariocas suburbanos, hoje, sou também professora, pesquisadora da Dança, gestora e como membro de uma família de negros brasileiros, na sua quarta geração de umbandistas¹, sou principalmente um corpo-lugar de memórias ancestrais onde os fatos registrados

¹ Umbandistas são os chamados seguidores da Religião da Umbanda, de origem brasileira. Sua orientação espiritual ou doutrinação é realizada pelos Guias - espíritos que têm sabedoria e alto conhecimento sobre a natureza humana e, conseqüentemente, sobre os atributos que o ser humano deve introjetar, para que a humanidade possa evoluir e seguir por caminhos melhores. Os guias se manifestam nos médiuns e falam através deles, sendo a prática da incorporação a matriz do trabalho. Os guias possuem arquétipos e cada arquétipo está ligado a uma determinada Linha Espiritual, entre outras: pretos velhos, caboclos, baianos, marinheiros, cangaceiros, boiadeiros, ibejada (crianças), exus, pombagiras.

reconstroem uma visão do passado a partir das minhas experiências no presente, no cotidiano, afetando continuamente os meus modos de ser, ver e estar em variados Mundos: uma força invisível carregada de teias de afeto e valores sócio-político-culturais em mobilidade ininterrupta tornando-me um corpo-lugar pleno de rastros e histórias ouvidas e vividas, repletas de cantos e encantos.

A partir dessa clareza, preciso ressaltar como sinto e experimento a dança, não apenas em meu corpo, mas no que sou eu - o *CorpoKatya*. Sou um corpo intrigado com os misteriosos e múltiplos fenômenos da vida e envolvido em sua complexidade. Assim, relaciono-me nos acontecimentos do dia a dia, em inúmeros dias, de lugar a lugar, em múltiplos lugares, tempo a tempo e em diversos tempos. Dias, lugares, tempos, acontecimentos... Movimento. Corpos em fruição modificando continuamente o meu entorno e sendo por ele modificada. Dessa forma gero potências e sou afetada por potências outras, Corpos outros.

Sob essa perspectiva, me reservo ao cuidado de não quantificar nem situar o Corpo em um, dois ou três Mundos. Se os acontecimentos são inesgotáveis, são também inesgotáveis os descobrimentos. Sendo assim, um Mundo apenas ou uma determinada quantidade de Mundos seria insuficiente para abarcar tamanha potencialidade de conexões e pluralidade de forças.

Sou, portanto, o *CorpoKatya* acontecendo, descobrindo-me a cada relação, em congruências de Mundos que originam novos Mundos, prosseguindo em um processo que é ininterrupto. Neste grande rizoma, é com o *CorpoGiovanna* (minha filha) que me redescubro *CorpoKatyaGiovanna* e, assim por diante, nas inter-relações comigo mesma e com os outros. Sempre em processo de descobrimentos me sinto potência capaz de originar potências e ser afetada por potências outras. Todas essas possibilidades de inter-relações coincidem durante os acontecimentos que descobrem novos Mundos.

O Corpo nosso de cada dia se constitui imerso na experiência de se tornar relação, conexão, trânsito descontínuo e não linear. Somos, portanto Corpos acontecendo nas experiências em curso. Assim nos revelamos a todo instante, em todo momento, afirmando que a experiência da vida é a experiência vivida.

Como integrante do Grupo Dança da UFRJ, (atualmente, Cia de Dança Contemporânea Helenita Sa Earp²), vivi por quatorze anos práticas de dança, como bailarina e produtora cultural, coadunadas a leituras de textos, elaboração e aplicação de planos de aula e de curso, debates e vivências políticas no passo a passo da gestão das artes na UFRJ, indissociáveis, da discussão em torno da ideia de uma universidade plural, pública, gratuita e de qualidade.

Nesse contexto, participei de fóruns de discussão, propostas e ações voltadas para a consolidação das áreas das artes na Universidade Federal do Rio de Janeiro em interação com as demais áreas do conhecimento na tessitura de uma grande rede de políticas integradas na hélice ensino-pesquisa-extensão.

A palavra hélice é aqui empregada em substituição a palavra tripé. Segundo Brêtas & Fonseca (2017), "tripé" traz a ideia de um suporte com três apoios rígidos, sem movimento, que não se comunicam entre si. "Hélice", por sua vez, traz a ideia da forma espiralada, de sustentação mas também de propulsão, do movimento concêntrico rotatório de três suportes desenhando movimentos circulares ininterruptos, em um plano de vários elementos. Deste modo, a palavra hélice denomina, qualifica e caracteriza a inter-relação ensino-pesquisa-extensão.

Reafirmando o termo "hélice ensino-pesquisa-extensão" em substituição ao termo "tripé ensino-pesquisa-extensão", Brêtas & Fonseca (2017, p. 4) ajuízam:

(...) a imagem de uma hélice é mais adequada para representar a atual realidade da universidade pública ou, ao menos, aquela que estamos tentando edificar, em vista da dinâmica do cotidiano acadêmico e da imbricação, necessária e fundamental, entre aquelas dimensões, que interagindo continuamente, movimentam a vida e as relações na academia.

² Helenita Sá Earp é Professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e autora da Teoria *Fundamentos da Dança*, que vem sendo desenvolvida há mais de sete décadas na Escola de Educação Física e Desportos da referida universidade. O estudo tem se constituído em uma das referências para a qualificação de profissionais bailarinos, coreógrafos, pesquisadores, historiadores, críticos e professores de dança da UFRJ e de outras instituições de ensino no Brasil. No momento atual, um grupo importante dos pesquisadores e multiplicadores desta Teoria atua no Departamento de Arte Corporal (DAC) da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da UFRJ.

Contagiada por essa visão de Universidade e inserida nos movimentos à ela congruentes, nos vinte anos subseqüentes aos quatorze anos vividos no Grupo Dança, integrei a chefia do Departamento de Arte Corporal, a Coordenação do curso de Bacharelado em Dança, o corpo docente do Curso de Pós-graduação (Especialização) em Dança-educação e a equipe proponente dos cursos de Licenciatura em Dança e Bacharelado em Teoria da Dança da UFRJ.

Essas experiências somadas às outras tantas que eu vinha acumulando desde a minha infância me trouxeram a certeza de que a dança e o corpo dançante transcendem os momentos formais dos treinamentos, montagens e apresentações dos espetáculos, ou seja, transcendem as dimensões do palco e das salas espelhadas de aulas práticas.

Passei a perseguir então uma compreensão e uma apropriação da dança como sendo uma atitude poética diante dos variados Mundos pelos quais transitamos e somos transitáveis, movidos por inquietações, angústias e indagações. Nesse sentido e em conformidade com uma das premissas de Helenita Sá Earp, acredito que a dança pode estar em todas as pessoas (em todos os corpos) e em todos os lugares. Assim sendo, a vida pode ser entendida/vivida como sendo uma infinita dança geradora de potências múltiplas, ímpares e inesgotáveis.

Em meio a essas inquietações, surgiu uma nova questão que me angustiou, conduzindo-me ao doutorado, orientado pelo Professor Eusébio Lobo na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). O processo de doutoramento me encorajou, de modo determinante, a assumir a questão norteadora da pesquisa, e abaixo assinalada, admitindo com paixão, verdade e consistência todos os fatos e acontecimentos que geraram as angústias e indagações no *CorpoKatya*.

Será que o corpo poético-dançante consegue coabitar múltiplos espaços em diferentes temporalidades?

Essa questão passou a compor o universo *CorpoKatya* que processa majoritariamente, vivências e convivências distantes dos palcos, das salas de aulas convencionais e dos cargos administrativos. É uma corporalidade impregnada de traços gestuais herdados dos terreiros de Umbanda, onde nasci e cresci dançando e testemunhando outros corpos dançando as danças dos pretos velhos, os sambas de caboclo, as danças de exu e pombagira. Passei a minha infância e adolescência, sentindo no meu corpo e vendo no corpo do outro, esses personagens/essas entidades trazendo gestualidades carregadas de significados.

Há cerca de três décadas passei a conviver na rotina de uma comunidade de terreiro na cidade do Rio de Janeiro, que cultua a Religião dos Orixás de origem africana (no Brasil conhecida como Candomblé), e adota também determinadas práticas rituais e celebrativas próprias da Religião da Umbanda. No Ilê Axé Afro-brasileiro Oxóssi e Óxum (bairro Realengo), tenho vivido experiências de corpo, dançando também as danças dos orixás, sendo afetada por essas potências.

Sou assim, acrescida de uma mistura de umbandista e candomblecista, de modo que a combinação entre experiência prática e inspiração mística em doses acentuadas intervém incisivamente na minha corporeidade, em processo continuado de formação e, conseqüentemente, nos caminhos que percorro da criação artística.

Vivo deste modo, a experiência de ser e estar em variados Mundos, em múltiplos Universos simbólicos. Este é o *CorpoKatya*, coabitante e coabitável em busca, a caminho, seguindo, experimentando... Entendo esses Mundos como conjuntos complexos de variações possíveis inesgotáveis na multiplicidade de acontecimentos que evocam cada qual uma eclosão do que se deixa mostrar, descobrindo novos mundos.

Um acontecimento aos nove anos de idade incitou esse meu entendimento sobre o *CorpoKatya*. Ao som dos atabaques, cantos e encantamentos inseridos na convivência familiar, vivi, em uma celebração de Umbanda, uma experiência até então para mim desconhecida. Pela primeira vez me senti estranha aos

padrões de formas e movimentos que eu assumia na minha rotina. Meu próprio eixo corporal deslocava-se, provocando desequilíbrios, com movimentos descoordenados.

Conheci Maria Mulambo aproximando-se do meu espaço corporal, quando me senti prolongada, ou seja, o *CorpoKatya* prolongado, prolongando-se, redimensionando suas dinâmicas de movimento. Logo percebi o quanto essa energia ao se achegar, modificava o meu eixo, projetando-o para fora do meu centro de gravidade, o que conseqüentemente alterava sobremaneira as relações corpo-movimento-espaço-tempo.

Foi a partir dessas experiências no campo do sagrado que intuí aproximações entre o corpo poético-dançante e as simbologias da Pombagira expressas em suas danças e lendas. Já não me satisfazia mais buscar uma compreensão e estudar exclusivamente a expressão e a poética do corpo na dança, mas me interessavam cada vez mais os mistérios de um corpo virtual e sagrado. A questão passou a ser: "qual a imagem que podemos produzir para esse fenômeno da semi ausência do corpo ou sua dupla presença?".

No presente momento, tenho a clareza de que essa questão, a qual me induziu ao Mestrado e conduziu ao Doutorado, persiste como a minha indagação e a minha inquietação como artista, educadora, pesquisadora, gestora, umbandista, candomblecista, mãe, irmã e em todos os prolongamentos possíveis das conexões *CorpoKatya* com Corpos outros, contagiadas e provocadas pelo *CorpoKatyaMariaMulambo*.

A Pombagira é uma guardiã que preserva certa dose de mistério. Mulher protetora, ela é vida onde se acha estar acabado, ela é libertação onde se acha estar aprisionado, ela desencarcera aquele/a que está onde parece estar esquecido, ela é a diluição de energias descontroladas, ela é luz nas trevas, ela é guerreira e conselheira de escolhas coerentes. Traz uma noção dos valores éticos e morais sob outra lógica muito diferente da lógica que rege os padrões sociais hegemônicos do mundo dos homens onde convivemos (NETO, 1993; MENDONÇA, 2011).

Com isso, observamos que a Pombagira é o contraponto. Ela subverte a ordem, a realidade posta, para provocar o estabelecimento de novas realidades, naturalmente, sob novas noções e vivências das relações do ser humano com a sua época, com o seu ritmo, com o seu movimento, isto é, com o seu tempo, com o seu espaço. Traz consigo a força da subversão indispensável aos processos de transformação e renovação, que não param de acontecer na vida, no Cosmos, no Universo.

A Pombagira provoca então deslocamentos de tempos e espaços e, a mobilidade de pontos de vista. Em outras palavras, ela é mobilidade contínua das relações Corpo-movimento-espaço-tempo, podendo, desta forma, incitar a criação e recriação do Corpo poético-dançante, como sendo experiência em curso.

Com a aproximação da Pombagira, sentidos e emoções me tomam. O *CorpoKatya* com seus movimentos lineares e previsíveis do dia a dia, formatados e enquadrados, passa a adotar novas atitudes corporais, sendo afetado por uma potência outra. O *CorpoKatya* ganha dimensão, uma nova extensão. Parece prolongar-se, sob o domínio da não linearidade, da imprevisibilidade.

Ao mesmo tempo a potência Maria Mulambo também vai ajustando-se em certa medida aos meus padrões rotineiros de movimento. Parece que a Pombagira (potência) também se prolonga. A interação *CorpoKatya* e Maria Mulambo concede fluidez às aproximações, ou seja, as aproximações fluem tornando-se um compartilhamento de tempos, espaços, forças: fluxo ininterrupto de energias que interatuam na duração, ou seja, interação no decurso das diversas aproximações. Como enfatiza Rodrigues (2018, p. 82): “O corpo é reequilibrado e reorganizado, após desequilíbrios e descoordenações provocadas no ato da incorporação.”

O movimento (Corpo) é continuado para além do seu fim e aberto para além do seu começo, o que Jose Gil (2005, p. 15) denomina movimento dançado:

O movimento dançado compreende o infinito em todos os seus momentos. (...) O corpo do bailarino é transportado pelo movimento porque se insere nele, numa linha começada antes dele, antes do seu próprio movimento, e que se prolonga depois dele.

Nessa perspectiva, as aproximações referidas são movimentos dançados, constituindo-se, deste modo, em poderosas danças enigmáticas, onde o *CorpoKatya* prolongado é a Pombagira que prolongada é o *CorpoKatya*. Estamos falando de potências que, na relação, são afetadas e prolongam-se entre si e para além de si mesmas, gerando potências ulteriores e continuam prolongando-se a cada aproximação, a cada relação.

Estamos lidando com uma experiência dotada de sentido que jamais se repete, isto é, as aproximações (ímpares) Pombagira – *CorpoKatya* compõem o campo rico e vasto das inúmeras e distintas experiências que geram o processo de formação continuada *CorpoKatya*, caracterizado de modo intrigante e incisivo por uma relação mística corpo-espaco-tempo-imagem-movimento-som.

Vivo deste modo, a experiência de ser e estar em variados Mundos, em múltiplos Universos simbólicos. Este é o *CorpoKatya*, coabitante e coabitável em busca, a caminho, seguindo, experimentando, em um processo ininterrupto.

Com a aproximação da Pombagira, o *CorpoKatya* experencia novos sentidos desconstruindo os contornos, dilatando-se contiguamente. Destarte, a Pombagira transcende o lugar da personagem que convive na irrealidade e ganha corpo, sentido, no mundo real cotidiano. Entre Maria Mulambo/potência e o *CorpoKatya*/potência é deflagrado um encontro, na acepção de acontecimento.

Neste sentido, o encontro é também configurado nas diversas aproximações (incorporações) e afastamentos (desincorporações), todavia está para muito além desses momentos. Esse encontro “é” muito antes da incorporação e continua para além da desincorporação, gerando uma confluência de forças, onde o Corpo pulsando novas grandezas prossegue acontecendo, como está acontecendo agora....

Ao tornar-se um espaço onde têm lugar os acontecimentos, os ininterruptos prolongamentos, que também podem ser chamados de encontros/partilhas, o Corpo ganha novas dimensões. Com efeito, a Pombagira ultrapassa o lugar da figura notável, fictícia, distante, inatingível e assume um compromisso fundamental com os caminhos da pesquisa e do processo de criação artística, presentes no cotidiano, no modo Katya de ver, sentir, viver e conviver em variados Mundos e universos.

Hoje, compõe os universos pelos quais transito, o universo da administração pública, para onde trago as experiências de deslocamentos de tempos e espaços e da mobilidade de pontos de vista, a partir dos encontros com as pessoas, nas inter-relações corpo-espaço-tempo-movimento. Tais experiências traçam os princípios norteadores da prática da gestão, no exercício diário, princípios esses que venho assimilando em grande medida nas partilhas *CorpoKatyaMariaMulambo* ao longo de 46 (quarenta e seis) anos, dos 55 anos de idade já completados.

Na qualidade de diretora da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, ao lado da grande amiga e parceira Professora Angela Brêtas (vice-diretora) e junto a uma equipe de trabalho extremamente proativa, me inspiro na potência feminina - a Pombagira, para fomentar o surgimento de forças e mobilizar a construção de novos territórios. Neles, buscamos estabelecer partilhas e criar processos de contágio para o recebimento de forças diversas, interagindo com as pessoas, potencializando-nos e a elas, a cada encontro.

Rodrigues (2018, p. 84, p. 147) nos elucida quanto ao recebimento de uma força outra no próprio corpo:

A pessoa abre mão da sua autoimagem para receber em seu corpo o que for preciso, necessário. (...) É preciso despir-se dos academicismos e pré-conceitos e concepções, destituir-se de sua armadura. O seu próprio movimento e o movimento do outro passam a ser vistos sob uma nova ótica: sem rótulos.

Seguimos assim, trabalhando para destituir-nos e aos outros dos pré-conceitos, das armaduras, apagando os rótulos e iluminando as diferenças. Descobrir-se no outro, descobrir o outro em si mesmo, descobrir-se em trânsito

por diversos universos simbólicos, descobrir Mundos nas relações estabelecidas consigo mesmo e com os outros constituem as bases da gestão, incluindo sobretudo o respeito e o elogio à diversidade.

Acreditamos que a prática da gestão precisa se constituir em uma prática da Arte e da Educação. Em consonância, os gabinetes precisam se tornar prolongamentos das salas de aulas e dos laboratórios, no sentido de instituírem primordialmente espaços de formação, de criação e, cosequentemente, suas rotinas precisam ser pensadas/ trabalhadas nessa perspectiva.

Um dia após o outro, dirigimos a Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ, atuando na construção de um cotidiano norteado pelo princípio da partilha, da mobilidade de pontos de vista, dos deslocamentos das zonas de conforto. Cotidianamente, "eu abro e fecho a nossa gira com Deus e Nossa Senhora, eu abro e fecho a nossa gira com Zamborá e Pemba de Angola"³. Cotidianamente, "vou defumando e vou incensando, a Casa do Bom Jesus da Lapa, com Nossa Senhora que incensou os seus filhos e incensou para cheirar, vou defumando a nossa Casa Santa, para o mal sair e a felicidade entrar"⁴.

REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS

BRÊTAS, Angela; FONSECA, Michele Pereira de Souza. **O processo de creditação da extensão na EEFD: um panorama.** In: Caderno de Resumos: Centro de Ciências da Saúde, p.4. 8ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ. SIAC UFRJ 2017. <https://www.siac.ufrj.br>. Acesso em 30/11/2018.

GIL, José. **Movimento Total. O Corpo e a Dança.** São Paulo: Editora Iluminuras, 2005.

MENDONÇA, Evandro. **Exu, Pombagira e seus Axés.** São Paulo: Editora Anubis, 2011.

NETO, F. Rivas (Mestre Arapiaga). **Exu. O Grande Arcanjo.** São Paulo: Editora Ícone, 1993.

³ e ⁴ Letras de duas cantigas componentes do conjunto de cantigas que dão início as giras de Umbanda - domínio público.

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino Intérprete. Processo de Formação.** Lauro de Freitas: Solisluna Editora, 2018.